

Em seu terceiro romance, *Dentes negros*, André de Leones transforma o Centro-Oeste em cenário de ficção científica apocalíptica

# O SILÊNCIO DOS ESPAÇOS INFINITOS



Arquivo Pessoal

**Leones: "A ideia de que o Brasil é 'um país de todos' é uma enorme mentira"**

» NAHIMA MACIEL

A imagem do Centro-Oeste é a de um cenário apocalíptico. Um fenômeno, cuja origem pouco importa, arrasou o mundo, matou boa parte dos habitantes do planeta e, aparentemente, se originou ou foi mais intenso exatamente no centro do Brasil. Não foi um fim de tudo para sempre. Alguns sobreviveram, ou porque eram imunes ao fenômeno, ou porque foram medicados a tempo. Nos corpos inertes, um traço comum: arcada dentária enegrecida. O cenário desolado entristece, mas não derruba. Há jovens dispostos a começar ou continuar — e é para eles que André de Leones aponta em *Dentes negros*.

O terceiro romance do escritor goiano é um desejo de menino. Leones, 31 anos, vem da geração que leu mangás e se assustou com *Mad Max* e *O dia seguinte*. "Cresci vendo filmes ainda hoje impressionantes, também li mangás como *Akira*, em que o fim do mundo tem lugar mais de uma vez. Mais tarde, veio *Ensaio sobre a cegueira*, de Saramago, e me ocorreu que o fim do mundo é sempre uma ótima ideia", repara. A "boa ideia" era uma desculpa. Na verdade, Leones sempre quis escrever um livro de gênero. Leitor de Georges Simenon, não se sentia inteiramente à vontade para construir tramas policiais. A ficção científica apocalíptica apresentava-se como terreno mais confortável e o goiano soltou a pena.

*Dentes negros* é bem diferente da elegância angustiada que marca *Como desaparecer completamente* e da agressividade de *Hoje está um dia morto*. É mais contido, seco e direto. Mesmo com temática

catastrófica, o livro é também o mais leve do autor. Leones assume a intenção de atenuar a gravidade. O pequeno romance não afunda na tristeza, está mais para aventura. "Eu vinha de duas narrativas difíceis (o romance *Hoje está um dia morto* e a novela *Aneurisma*) e queria escrever algo que exigisse menos de mim", justifica. Também exige menos do leitor a história desse jovem que sai em busca das origens enterradas pelo fenômeno apocalíptico no interior do Brasil.

No romance, Brasília e arredores se transformaram em zona de exceção, guardada por militares, mergulhada no caos pós-fim do mundo, habitada por bandos sem lei que fazem da força instrumento de sobrevivência. Nenhuma ironia ou crítica, Leones garante. Mas há, sim, uma observação quanto às distâncias geográficas e culturais que se impõem entre os brasileiros.

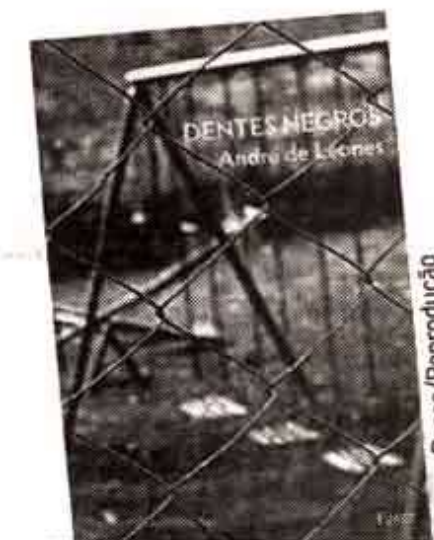
Nascido e criado em Silvânia, cidade com altos índices de suicídio e alvo de furiosa narrativa em *Hoje está um dia morto*, o autor queria evocar a paisagem da região e inseriu no livro imagens de campos e cenários abandonados. "Um deserto no coração do país", escreve. "Sobretudo na época da entressafra, aqueles intermináveis campos desolados sempre remeteram ao universo apocalíptico ou

pós-apocalíptico. Ocorre que, diferentemente de Pascal (personagem), eu não me aterrorizo com o silêncio desses espaços infinitos. Pelo contrário: com o tempo, esses espaços e esse silêncio foram me dando ideias, primeiro visuais e, depois, propriamente literárias."

Leones levou para o livro o incômodo diante do isolamento de certas regiões brasileiras, especialmente o Norte e o Centro-Oeste. "Pensei que uma forma de radicalizar e colocar em crise essa ideia evada de preconceitos de todo tipo seria, justamente, torná-la algo físico, palpável, por meio de uma doença, uma calamidade que, de fato, rasgasse o Brasil ao meio. Por meio dessa radicalização, exponho o quanto o nosso país é dividido e esquizofrênico."

A verdade, segundo ele, é que os brasileiros das diferentes regiões não se aceitam muito bem, e não se aceitam também porque não se conhecem nem querem se conhecer. "A ideia de que o Brasil é 'um país de todos', para além das inúmeras diferenças que o compõem, é uma enorme mentira, infelizmente", lamenta o autor, que deixou Silvânia há anos, vive em São Paulo e passou um ano em Jerusalém, onde situará parte do próximo romance.

Ao mesmo tempo, é nesse centro remoto que certa humanidade retorna à vida dos personagens. O silêncio dos tais espaços infinitos celebrados pelo autor serve de berço também para o renascimento típico de aventuras catastróficas.



**Dentes negros**

De André de Leones. Rocco, 144 páginas. R\$ 19,50.

Editora Rocco/Reprodução